

ÁGUAS PURIFICADORAS EM EZEQUIEL

Célia Maria Patriarca Lisbôa

Resumo

O artigo discute ética e sustentabilidade à luz do texto de Ezequiel 36,16-28. Ressalta-se que o projeto de Ezequiel vislumbrava uma nova história para os deportados, fundamentada, talvez, sobre novos alicerces de promoção da vida, através da purificação do ser humano. Entretanto, no retorno à terra, a golah desrespeita os direitos sociais e individuais promovendo a exclusão dos pobres e de outros segmentos da população. O texto nos convida a repensar o cotidiano buscando redescobrir caminhos de solidariedade e inclusão para a construção de um meio ambiente que abrigue os seus sujeitos e seja realmente sustentável.

Palavras-chave: *Exílio. Reconstrução. Ética. Sustentabilidade.*

Abstract

The article discusses ethics and sustainability in the view of the text Ezekiel 36.16-28. It highlights that the project Ezekiel envisioned a new deportees' story, based, perhaps, on new foundations to promote life through purification of the human being. However, returning to the land, the golah disregards the rights, promotes individual and social exclusion of the poor and other segments of the population. The text invites us to rethink the daily life looking forward to rediscover solidarity and inclusion in order to build a truly sustainable environment that includes the people.

Keywords: *Exile. Reconstruction. Ethics. Sustainability.*

A ética da sustentabilidade é uma questão que está na ordem do dia, sobretudo nas discussões acerca de políticas capazes de promover a construção de um novo mundo sem miséria, onde as novas tecnologias respeitem a dignidade humana e o equilíbrio-socioambiental. À luz de Ezequiel 36,16-28 queremos discutir as responsabilidades individuais que se refletem nas relações sociais e podem contribuir para a reconstrução de novos espaços de promoção da vida.

1. O Profeta e a profecia

Os primeiros versículos do livro situam a profecia de Ezequiel no quinto ano da deportação do rei Joaquim, sete anos antes da destruição de Jerusalém (1,1-3). Ezequiel era de estirpe sacerdotal, participava do serviço do culto em Jerusalém e é herdeiro de suas tradições. Foi deportado para a Babilônia em 597 aC e atuou como profeta entre os exilados, por força de uma experiência pessoal com Javé, durante cerca de 20 anos. Este fato significa uma ruptura importante na história da profecia bíblica, visto que sacerdote e profeta pertencem a diferentes tradições. Entretanto, Ezequiel consegue combinar aspectos de ambas as tradições em seu ministério.

Parece haver consenso de que o próprio Ezequiel escreveu grande parte da sua pregação, incluindo suas experiências extáticas e suas ações simbólicas. É provável que ele mesmo tenha juntado suas pregações para formar “coleções”, considerando a cronologia e o conteúdo. Entretanto, o livro atual não é obra exclusiva dele. Seus discípulos realizaram acréscimos e retoques à sua obra¹.

Como é característico da literatura profética, Ezequiel abriu caminho proclamando sua palavra e experiência oralmente; registrou sua mensagem, formando uma espécie de memorial e, mais tarde, seus discípulos produziram acréscimos à obra, reelaborando e aperfeiçoando sua profecia. No que diz respeito à tradição profética, ele mantém o esquema básico de denúncias e anúncios de desgraça ou de salvação, e se aproxima literariamente de Jeremias, de quem foi contemporâneo.

As características da mentalidade sacerdotal podem ser percebidas principalmente em relação ao sábado (20,12-24; 22,8; 23,38) e à aliança (16,59-63). A influência da teologia deuteronômica se evidencia na sua análise sobre a história (cap. 16; 20; 23), na crítica à monarquia (17; 19,1-9), e na exigência da unicidade e centralização do culto (40-48).

Ele atuou na comunidade dos exilados de 593/592 até cerca de 570 aC. Sua palavra é uma mensagem aos companheiros do cativo, abordando um assunto de essencial importância para os deportados: o destino de Jerusalém. Sua profecia caracteriza-se por visões e ações simbólicas e pela ênfase no indivíduo.

Até a destruição de Jerusalém ele se dirigiu aos seus companheiros de exílio com palavras de juízo. Quando se cumpriu o destino de Jerusalém, falou contra os povos estrangeiros (Ez 25-32) e anunciou salvação ao seu povo (33-48)².

1. SCHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. Trad. Benôni Lemos. 2.ed. São Paulo: Editora Teológica, 2004, p. 279-283; ALMADA, S. A profecia de Ezequiel: sinais de esperança para exilados. Oráculos, visões e estruturas. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 35/36, p. 116-134, 2000, p. 122; FOHRER, G. *História da Religião de Israel*. Tradução José Xavier. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012, p. 413.

2. SICRE, José L. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 298-308; ALMADA, S. A profecia de Ezequiel, *ibidem*, p. 116-134; SCHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*, p. 275-293.

O livro pode ser representado da seguinte forma:

1–24 Denúncias das infidelidades de Israel e anúncios de desgraça.
2–32 Oráculos contra as nações.
33–48 Oráculos de salvação e promessas de restauração para Israel.

Importa-nos, aqui, estudar apenas o texto que se insere na subunidade 36,16-38, do último bloco (33–48), em que se relaciona o mau comportamento da comunidade com a contaminação da terra (36,16-20), que será restaurada por meio da correção da comunidade (36,21-38).

2. O texto de Ez 36,16-28

A perícopé de Ezequiel 36,16-28 inicia com a ênfase na “palavra de Javé que aconteceu para Ezequiel” (v. 1), indicando que o profeta é o agente da mensagem. A expressão “palavra (*dabar*) de Javé” possui um significado dinâmico, visto que descreve a percepção da palavra divina como um acontecimento que promove expectativas para uma nova situação.

Dando prosseguimento, o profeta acusa os destinatários da profecia de contaminar a terra com suas ações (v. 17), comparando-as ao sangue menstrual (*niddah*), que era motivo de afastamento da mulher das celebrações litúrgicas (Lv 12; 15,19-33). Ao igualar as ações dos desterrados com o fluxo menstrual, a profecia considerava o exilado impuro e, por consequência, afastado de Javé. A terminologia é cultural, indicada pelo verbo *tamah*, tornar-se impuro (no âmbito do culto), presente também em Lv 15,19-33.

O texto pode ser compreendido à luz dos ritos de purificação, que se estendiam da esfera individual para a vida em sociedade, definindo o *status* social dos membros do grupo. As leis de purificação (Lv 1–15) dizem respeito ao cuidado com os alimentos, às secreções de homens e mulheres e a diversas doenças. As mulheres, em especial, teriam que ser purificadas por ocasião do parto e da menstruação. Do mesmo modo, doentes e leprosos eram identificados e purificados. Em todos os casos estava prevista a exclusão do círculo social, mesmo que temporariamente. Essas pessoas estavam impedidas de frequentar os mesmos lugares que os indivíduos considerados puros e, principalmente, o culto.

A diáspora é apresentada como condenação resultante dos atos de rebeldia dos exilados (18,5-9; 22,1-12.25-30), os quais não condizem com a Aliança. Javé é conhecido como o Deus da Aliança, que libertara o povo israelita da opressão egípcia. O Deus que tomara partido em favor dos oprimidos para dar-lhes libertação. Neste sentido, ser fiel à Aliança implicava em promover a vida de modo a assegurar condições condizentes com a liberdade concedida por Javé, ao contrário do que se experimentara no cotidiano da cidade de Jerusalém.

Os versículos seguintes (36,18-20) apontam para o juízo de Javé, que acusa o povo de “profanar o seu nome entre as nações” (v. 20), conduzindo-os à dispersão. Considerando que o nome de Javé está intimamente ligado à Aliança, esta acusação indica para a negação da terra como promessa. Assim, o desterro se assemelha ao abandono. O Deus que por promessa dá a terra a Israel é o mesmo que o dispersa entre as nações. Entretanto, Javé se manifesta pelo seu nome, revelando a sua misericórdia e lealdade aos compromissos. Não por mérito dos exilados, mas por “amor ao seu nome” (v. 22). Para isso, Javé escolheu transformar radicalmente o povo para que, através da renovação, possa atender adequadamente às exigências da Aliança.

“Quando eu vos tomar dentre as nações e vos reunir de todas as terras, reconduzindo-vos à vossa terra. Borrifarei água sobre vós e ficareis puros; sim, purificar-vos-ei de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos imundos. Dar-vos-ei um coração novo, porei no vosso íntimo um espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei no vosso íntimo o meu espírito e farei com que andeis de acordo com os meus estatutos e guardeis as minhas normas e as pratiqueis. Então habitareis na terra que dei a vossos pais: sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus” (Ez 36,24-28).

Nas palavras da profecia, Javé decide lavar o interior de cada indivíduo, ação que remete aos ritos de purificação (Lv 11,24.28.39-40; 15,16-18; Nm 19). Aqui o texto reflete os ideais da lei do puro e do impuro, condizente com a teologia pós-exílica³. Somente com a mudança interior (coração e espírito novos), torna-se possível e real o cumprimento das exigências da Aliança. Rompe-se o passado com uma nova ação. Se o exílio é um lugar de dor e sofrimento, a ação de Javé faz surgir um novo coração e uma nova pessoa (v. 26).

Na literatura sacerdotal, a água faz parte de vários ritos de purificação. Os ritos são carregados de simbologia, de significado e importância para aqueles que os praticam. Simbolizam ideologias e ensinamentos. A água que lava roupas, utensílios e corpos, mais do que um elemento de medidas higiênicas, é símbolo de pureza e santidade. No texto, a água é instrumento da provisão de Javé, não faz parte de um mecanismo humano, é uma alternativa para que os indivíduos contaminados possam fazer parte da comunidade novamente e serem aceitos por Javé.

Ezequiel compreende o exílio como lugar de purificação daqueles que foram contaminados pelo convívio com os povos impuros. No projeto ezequielano vislumbra-se, após o exílio, uma nova história, em novas condições. Na nova sociedade serão incluídos apenas os puros, separados e capacitados para a obediência da Lei. Somente os de coração purificado poderiam regressar à terra e reorganizar a sociedade. Nesse sentido, o texto retoma as tradições antigas acerca

3. A profecia de Ezequiel foi remodelada pela teologia pós-exílica (cf. ALMADA, S. A profecia de Ezequiel, *ibidem*, *ibidem*, p. 122; SCHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*, p.283.

da tomada da terra (v. 24), numa nova perspectiva. Agora, a terra é o alvo dos exilados, a antiga elite formada por sacerdotes, levitas, nobres, militares e comerciantes (2Rs 24,14). A retomada da terra não incluiria os pobres, visto que para Ezequiel não haveria remanescentes em Judá após a destruição. Todos seriam aniquilados (Ez 33,23-29). Assim, os exilados assumiam a pretensão de ser o único e verdadeiro Israel, excluindo os demais.

É nesse contexto que os ritos de purificação têm a sua relevância, uma vez que é através deles que pessoas serão habilitadas para uma nova vida na terra e serão capacitadas para obedecer à aliança (v. 28).

O texto de Jeremias 31,31-34 também aponta para uma nova aliança realizada por Javé, que inscreve a Lei em cada ser humano, visando a uma transformação interior, para o restabelecimento das relações pessoais. Entretanto, em Jeremias a perspectiva é outra. Espera-se que tanto exilados quanto os habitantes da terra sejam incluídos e ocupem o seu lugar na sociedade (Jr 32,32.37), ao contrário do que defende a profecia de Ezequiel.

3. O contexto

O pano de fundo para a profecia de Ezequiel é o exílio babilônico. Em 605, Nabucodonosor, rei de Babilônia, vencera os egípcios em Carquemis, no Eufrates, ficando com o domínio da Síria-Palestina, tão cobiçada por ambos.

Neste mesmo ano, com a derrota do Egito, Joaquim tornou-se vassalo da Babilônia. Porém, quando os soldados babilônios se retiraram, três anos depois, Joaquim declarou independência da Babilônia, negando-se a pagar tributos. Inicialmente Nabucodonosor não tomou atitude decisiva quanto a Judá, mas em 598/597, após a morte de Joaquim, enviou tropas contra Judá, sitiando-a. Nesse tempo estava no poder Jeconias, filho de Joaquim, que continuara a política anti-babilônica de seu pai.

Diante da supremacia do inimigo, que mantinha Jerusalém sob cerco, Jeconias entregou-se aos babilônios e foi deportado para a Babilônia, em 597 aC, junto com a sua família, a corte, os altos funcionários, a nobreza, os trabalhadores especializados, as forças militares, os sacerdotes e cantores do templo (2Rs 24,10-17).

No lugar de Jeconias, Nabucodonosor entronizou outro filho de Josias, tio de Jeconias, chamado Matanias, que foi rebatizado como Zedequias. Este também se rebelou contra os babilônios e suspendeu o pagamento de tributos, o que provocou o regresso dos exércitos babilônios (2Rs 24,17-25,21). Desta vez Jerusalém foi totalmente destruída (587/586 aC) e os sobreviventes foram deportados. Além de Jerusalém, outras cidades fortificadas foram destruídas, como Laquis e Azeca.

O exército de Nabucodonosor deixou Jerusalém em ruínas, assim como as cidades fortificadas no interior de Judá. A população do território foi evacuada. Além dos que foram deportados para a Babilônia, milhares devem ter morrido nos campos de batalha, de fome ou doença (Lm 2,11-22). Alguns foram executados (2Rs 25,18-27) enquanto outros procuravam salvar suas vidas fugindo (Jr 42-44).

Na deportação de 597 foram levados para a Babilônia o rei e sua corte, que permaneceram junto à corte babilônica. Outros deportados foram reassentados na Babilônia, junto ao Rio Cobar e em Tel Abib, áreas que estavam despovoadas (Ez 1,3; 3,15; Sl 137,1).

Os deportados de 587/586 foram agrupados aos de 597. Cogita-se que tenha havido outra deportação após 587/586, com base no texto de Isaías 52,30, e estima-se um total de quinze mil deportados (em torno de 10% da população de Judá, na ocasião), ficando em Jerusalém apenas os pobres camponeses⁴.

A derrota de 587 deixou o território do antigo reino do Norte a salvo e uma população israelita continuou a se manter em Samaria, na Galileia e na Transjordânia. Em termos numéricos, a maioria dos habitantes de Judá permaneceu na terra. Poucos foram os exilados. Os que viviam em Judá eram camponeses – o “povo da terra” (2Rs 25,12). Os babilônios facilitaram a terra para os pobres (Jr 39,10), distribuindo-a amplamente entre os necessitados.

Quanto ao Templo, embora tenha sido incendiado, ainda continuava a ser um lugar sagrado, para o qual os peregrinos, incluindo os do norte de Israel, continuavam a afluir para oferecer sacrifícios e, provavelmente, o javismo era popular (Jr 41,5).

Os exilados foram levados à força para uma terra estranha, mas estavam juntos, podiam construir casas, plantar pomares e constituir famílias (Jr 29,5-7). Isso, certamente, foi decisivo para a sobrevivência e conservação da própria identidade, principalmente no que tange à preservação das tradições, língua, ritos, costumes e religião. Mas, apesar de unidos, estavam cerceados da sua condição de ir e vir, era-lhes permitida apenas a movimentação dentro dos limites de seus assentamentos⁵.

4. O projeto de Ezequiel e suas repercussões

O exílio babilônico é marcado pela destruição de Jerusalém e do exílio subsequente. O Estado foi destruído e o culto oficial suspenso. Esse período trouxe reflexão sobre a história de Israel e sobre as prováveis razões do exílio, que fora

4. SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas, São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 25.

5. Os dados históricos podem ser conferidos e pesquisados em: BRIGHT (1978), SCHWANTES (1987).

anunciado pelos profetas como juízo decorrente de um comportamento que não condizia com a Aliança. Nesse sentido, o exílio levou à reflexão sobre a relação entre o agir humano e suas consequências. Para os exilados, Javé estava ausente, pois os lugares convencionais de culto estavam bem distantes.

Ezequiel fala aos desterrados desanimados em meio às reuniões, chamando a atenção para a sua responsabilidade como causadores da dispersão entre as nações. Encorajava-os a manter a esperança em Deus, com a promessa de uma nova aliança, definitiva e inquebrantável, e a garantia do retorno do povo à terra prometida aos patriarcas. Nesse sentido, exige-se que o homem se comporte segundo as normas estabelecidas pelo próprio Deus, para que possa aproximar-se dele.

A partir do edito de Ciro (538 aC), sob a política de tolerância persa, parte dos judeus exilados retornou a Jerusalém para reconstruir o santuário (Esd 6,3-5) e encontrou na terra samaritanos e outros habitantes da Palestina. A *golah*⁶, formada em sua maioria por sacerdotes e levitas, buscou impor a pureza étnica através da valorização de listas genealógicas (Esd 2), para impedir a participação dos habitantes da Palestina nos assuntos que envolviam a reconstrução nacional, como a construção do Templo.

Os dirigentes de Samaria se propuseram a ajudar na reconstrução do Templo, mas foram rejeitados pelos judeus. Então se uniram aos estrangeiros para fazer oposição aos exilados e, usando a sua influência junto aos funcionários do império persa, conseguiram retardar a construção do Templo entre 537 e 520 aC (Esd 4). Por outro lado, a *golah* rejeitava as formas de culto dos samaritanos. Assim, as causas de discórdia entre judeus e samaritanos eram tanto políticas quanto religiosas.

Em Jerusalém, surgiram vários projetos de reorganização nacional⁷, que envolvia o aspecto político, social e religioso. Alguns se posicionaram em favor da centralização do culto nos moldes do período da monarquia (Ageu e Zacarias), outros defendiam a recuperação da terra para camponeses e a observância da lei do ano jubilar (projeto popular) e ainda aqueles que eram a favor da integração dos estrangeiros (projeto profético). Prevaleceu o projeto sacerdotal, que propôs a dissolução dos casamentos mistos, o retorno à Lei e a pureza racial (Esdras e Neemias). Com isso impossibilitou-se a convivência pacífica, foram ignorados os interesses dos pobres e de outros segmentos da população e o Templo tornou-se o símbolo mais relevante dos judeus.

6. Golah é o nome que recebiam aqueles que retornaram da Babilônia a Jerusalém.

7. Cf. VÉLEZ CHAVERRA, Neftali. Reconstrução e identidade. A alternativa de Esdras. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 9, 1991/2, p. 26-38.

5. Reconstruindo o cotidiano a partir da profecia

No campo das relações humanas, experimentamos muitos exílios. Concorro com Schwantes quando afirma que “estar em exílio é estar fora dos direitos básicos da vida”⁸. Consideramos então o sujeito no mundo e suas necessidades básicas: saúde, educação, moradia, acesso à alimentação e outros. E buscamos inspiração no texto de Ezequiel para lançar luz às nossas questões cotidianas.

Consideramos como meio ambiente o lugar em que habitamos. Isto engloba os centros urbanos, onde vive grande parte da população. Hoje 81% da população brasileira vive em cidades. Como consequência desse processo, experimentamos o agravamento do histórico quadro de exclusão social, marginalização e violência urbanas, como a expansão de favelas, invasões, vilas e alagados, acarretando problemas, como a falta de abastecimento de água para consumo humano e a poluição ambiental, entre outros.

Pensamos em um meio ambiente que abrigue os seus sujeitos e seja realmente sustentável. Uma sociedade que assegure os direitos sociais e individuais, tais como o acesso a serviços públicos de saúde adequados, a uma educação que aborde o ser em sua totalidade, à moradia e, por decorrência, as oportunidades de vida urbana digna para todos.

O local da nossa habitação é onde estabelecemos nossas relações de pertencimento e relacionamento com outros. Queremos nos sentir em casa, mas precisamos entender que esse lugar único de habitação pode (e deve) incluir a todos. Essa ética deve nascer de nossa essência humana e ser compreendida por todos para que a cidade e, por extensão, a terra, se tornem locais de real convivência. A “sustentabilidade” pressupõe interdependências, redes de relações inclusivas, lógicas de cooperação que permitam a vida e a convivência mútua de todo o ser vivo. Nesse sentido, a cidadania nos impõe direitos e deveres.

A história revela que o projeto de Ezequiel não foi bem-sucedido. O retorno dos exilados a Jerusalém trouxe a exclusão de vários segmentos da população, reafirmando práticas de dominação e autoritarismo. Busquemos, pois, aprender com a história na tentativa de redescobrir caminhos de solidariedade e inclusão.

Bibliografia

ALMADA, S. A profecia de Ezequiel: sinais de esperança para exilados. Oráculos, visões e estruturas. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 35/36, p.116-134, 2000.

BRIGHT, John. *História de Israel*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1978.

8. SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio*, p. 10.

VÉLEZ CHAVERRA, Neftali. Reconstrução e identidade. A alternativa de Esdras. *Revista de Interpretação Latino-Americana*, n. 9, 1991/2, p. 26-38.

FOHRER, G. História da Religião de Israel. Tradução José Xavier. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012.

SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

SICRE, José L. *Profetismo em Israel*: o profeta, os profetas, a mensagem. Trad. João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1996.

SCHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. Trad. Benôni Lemos. 2 ed. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

Célia Maria Patriarca Lisbôa
Rua Castorina Faria Lima, 418F, ap. 302.
Ilha do Governador
21931-574 Rio de Janeiro, RJ
celiapatriarca@gmail.com